

A Fangueira

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

O Apostolado da Caridade

Por A. ROCHA MARTINS

S. PAULO escreveu, na sua epístola aos Coríntios, a página mais bela e mais profundamente dogmática sobre a Caridade. Cristo, porém, autor da Caridade, no mais lídimo sentido da palavra, deu-nos, em luz e glória, o exemplo mais completo e luminoso desta virtude fundamental do Cristianismo. Os ensinamentos propinados aos Apóstolos e Discípulos foram, no decurso do tempo, interpretados fielmente pelo magistério infalível da Igreja, cuja acção em favor dos povos tem sido de verdadeira caridade. Esta virtude, pela essência que contém e pelos reflexos que produz, é a maior de todas, por traduzir, tanto quanto nos é possível entender, a essência ou natureza de Deus. S. João o disse nesta afirmação: «Deus é Caridade».

A vida do cristão, que, por isso mesmo, é discípulo de Cristo, tem de se revestir, em todos os seus aspectos, desta caridade, para com

Deus e que se traduz no amor, para com o próximo e que se concretiza na fraternidade que nos deve unir aos nossos irmãos. Não é uma fraternidade sentimental, sem sentido e sem obras, mas a que nasce do facto, tantas vezes por nós proclamado quando oramos, de sermos filhos de Deus e herdeiros do Céu. Aqui se radica o verdadeiro sentido da caridade.

A caridade é um apostolado da Igreja. Sempre que os homens, animados de intenções nem sempre puras, pretenderam legislar neste sentido, com preceitos ou com acção, deturpam a caridade e criaram uma coisa a que pomposamente chamaram filantropia. No fundo era um amor interesseiro, mais uma manifestação vaidosa do egoísmo.

A caridade não é vaidosa. Tudo quanto faz é por amor de Deus, mesmo quando agasalha ou mata a fome ao pobrezinho, fá-lo de olhos postos em Deus, e as misérias alheias sobre as quais generosamente exerceu a sua

bondade, sugeriram-lhe a presença disfarçada de Cristo. «Todas as vezes que fizerdes isto ao mais pequenino dos meus irmãos é a mim que o fazeis». De aqui se deduz logicamente que a virtude da caridade não permite ambições, atropelos, desrespeitos, campanhas que toquem a anunciar o bem que se pratica, inserção de retratos ou anúncios de jornais, publicação do bem ou do muito que se adquiriu em favor dos pobres. Enquanto se pensar que o dinheiro e os bens materiais são indice de caridade cristã continua por entender-se o sentido desta virtude. Certo que devemos angariar donativos para os miseráveis, mais do que isso, devemos dar dos nossos bens, sem ostentação nem vaidade, mas, acima de tudo, a nossa caridade feita de obras há-de ser uma oração humilde e confiante a Deus pela conversão dos pecadores, conversão dos que Deus favoreceu com bens de fortuna e que se esquecem que o «supérfluo é dos pobres».

(Continua na página 2)

CARTAS DE LISBOA

Lisboa, 18 de Maio

Meu Compadre e Amigo:

Já não sei perdido nas andanças desta vida barulhenta e sem ordem desde quando não lhe escrevo.

A vida tem em alguns estas desatenções atentas para outros lados: e as cartas são papéis com que outros especulam indo ver nas entrelinhas aquilo que não está.

O peor meu caro Amigo é quando as coisas lá estão.

Conheci agora por acaso da exposição da obra do Amadeu de Sousa Cardoso, entre mais coisas das muitas que ignorava, as cartas que lhe escreveu Manuel Laranjeira.

Tive a curiosidade de ler os textos do homem que tanto louvara e animara o pintor amarantino.

Na verdade chegou-me a parecer impossível que já em 1906 esse homem, suicida em 1912, cuja obra se tem ido publicando com louvores tamanhos, estivesse a par do que expositor com Modigliani em 1911 viria a ser, a partir de 1912, um dos pioneiros da arte do século XX.

Mas ao ver como ele apreciava a pintura religiosa de António Carneiro entendi o logro em que caíra:

Laranjeira é uma lenda e uma bandeira que se desfalca, uma lenda e bandeira como Ribeiro de Pavia, uma lenda como o Sr. Eduardo Malta pintor retratista.

*

Vivemos António Carlos, Amigo mais antigo que compadre, no meio de lendas, e estas nascem em oposição das realidades. As expressões estéticas também nascem assim, e por isso mesmo: ao conceito nulo do academismo foi oposto o literário do impressionismo, e a este, cronologicamente, o disciplinado do cubismo.

Sempre na vida é assim por uma procura de contrastes em que temos de viver: sabemos do homem alto por saber do homem baixo, do bom pelo mau, da planície pela serra, da noite pelo dia, do inteligente pelo que o não é.

O contraste, as forças opostas alimentam a nossa consciência que é conhecimento.

(Continua na página 5)

«Villa nuncupata fano»

4. Águas Celenas no itinerário de Autonino

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

(Continuação do número 30)

A outra tabela, a que realmente nos interessa e que, da mesma forma se transcreve de Pinho Leal, é a que segue:

Item (Iter) per loca marítima a Bracara Asturicam

mpm CCVII	
stadia CLXV	165 mts
stadia CXC	
stadia CL	
stadia CLXXX	
mpm XXII	
mpm XXX	
mpm XVIII	
mpm XVII	
mpm XXII	
mpm XII	
mpm XX	
mpm XVI	
mpm L	

Esta tabela apresenta-nos um outro itinerário de Braga a Astorga — per loca marítima — a ligar, como a tabela anterior, Braga com as sedes dos outros dois conventos jurídicos da Província, indo buscar uma estação — Grandimiro, por alturas do cabo Finisterra? — excêntrica ao circuito a que aludimos, para a englobar num outro circuito mais extenso. Convém notar que a distância de 207 milhas de Braga a Astorga, inscrita no título é menor, para um trajecto maior, que a consignada na tabela anterior, verificando-se facilmente que as 207 milhas correspondam apenas ao percurso de Grandimiro-Astorga, tendo-se abstraído, voluntária ou involuntariamente, dos 690 estádios (cerca de 128 quilómetros) de Braga a Grandimiro. Se voluntária para que se fez tal abstracção? Esta é uma das perguntas — sem resposta — que nos sugere esta tabela que tem sido diversamente interpretada.

(Continua na página 2)

Sobre a teoria dos quanta

Pelo DR. ANDRADE NOVAIS

CREIO, leitor amigo — que, se for inimigo, passe por lá muito bem; creio que você já terá ouvido falar da Teoria dos quanta, teoria moderna, muito moderna mesmo. Admito, pois, sem custo, que você, como eu aliás, se tenha perguntado de quando em quando: em que consiste a teoria, como surgiu ela, que valor tem?

Bem queria eu — olá se queria — saber responder-lhe em termos claros, precisos, concisos, acessíveis; ter sobre o assunto um conhecimento tão profundo que me possibilitasse achar uma resposta segura a tão razoáveis perguntas. Contudo, mesmo que uma tal possibilidade não fôra falha real do meu espírito, como realmente é, ser-me-ia impossível construir resposta capaz, em simples nota como esta.

Desta sorte, decidi eu — e por mais que uma razão — louvar-me da redacção e dizeres de Einstein e Rodolfo Infield, em seu livro a *Evolução da Física*. E, assim, não vai o leitor ouvir aquela prosa altissonante tanto ao gosto do ouvido lusitano... mas ouvirá prosa sem dúvida ao nível das poderosas mentalidades que os dois autores são: simplicidade, clareza, verdade — os degraus do altar de Deus, se não erro! Começam eles assim:

Deante de nós está um mapa de Nova Iorque e seus arredores. Que pontos deste mapa podem ser atingidos de comboio? — O horário dos caminhos de ferro indica-nos esses pontos. Marquemo-los, pois, no mapa. E se fôr de automóvel, que pontos podemos nós atingir? — Traçando no mapa as linhas que representam todas as estradas que saem de Nova Iorque, quaisquer pontos dessas linhas podem ser atingidos de automóvel. Num caso como outro, o que se trata é de determinar pontos.

Simplemente, no primeiro caso, no caso do comboio, os pontos determinados estão separados uns dos outros: porque, com efeito, são as diferentes estações dos caminhos de ferro... No segundo caso, porém, os pontos estão ao longo das estradas: não se acham, por isso, separados uns dos outros...

Consideremos, agora, a distância de cada um desses pontos a um dado ponto de Nova Iorque. A cada um dos pontos pode-se fazer corresponder um número. Ora, no caso do comboio, tais números variam aos saltos, de modo irregular. Expressaremos tal facto, dizendo que as distâncias de Nova Iorque aos pontos que podem ser atingidos de comboio, variam ou

«Villa nuncupata fano»

(Continuação da página 1)

Contador de Argote no vol. 1.º do título I da sua já citada obra (Memórias para a história eclesiástica do arcebispo de Braga), diz:

«A cidade ou povoação de Aguas Celenias estava situada na costa do mar a 5 leguas da cidade de Braga, segundo refere o «Itinerario de Autonino, no segundo caminho de Braga para Astorga. Estava assentada na foz, ou perto dela, do rio Cavado, e ali era a primeira estação das milicias romanas quando marchavam de Braga para Astorga pela estrada da marinha; de sorte que saíam de Braga, embarcavam acima de Barcelos e desciam até Aguas Celenias, onde tinham o seu primeiro alojamento, ali embarcavam em outras embarcações, mais fortes e possantes, e prosseguiram a sua derrota».

No 2.º volume do mesmo título explica:

«Bem sei que ha de causar novidade o dizer que esta Via militar (a de que se está tratando), parte era por agoa e não por terra; e que a muitos parecerá sonho esta minha proposição; porém eu a tenho por certa e infalível, porque assim se prova claramente do Itinerario de Autonino. Este, descrevendo esta Via militar desde Braga até Grandimiro, conta a distancia por estadios; e desde Grandimiro até Astorga, por passos (milhares de passos ou milhas); e observando eu o estylo do sobredito Itinerario, achei que sempre que conta as distancias por estadios fala de navegação, e caminho por mar, v. g. (por exemplo) a passagem da França à Inglaterra, a de Gallipolis para a Asia (estrito dos Dardanelos) e de Brindizi a Durazo (mar adriatico), etc. e últimamente um itinerario maritimo, que o sobredito Autonino fez para os navegantes, todo é por estadios...»

Em face desta interpretação vejamos agora o que «Autonino» nos diz nesta tabela, acerca de Aguas Celenias.

De Braga (descendo pelo rio Cavado) até Aguas Celenias (primeira estação ou mansão) ha 165 estadios (de distancia)

e, nada mais; mesmo porque, ao tempo, nada mais era preciso. Contudo, para quem pretender localizar a estação, independentemente de ideias preconcebidas, logo se lhe depara a necessidade de fazer perguntas a que o «Itinerario» não responde: A estação de Aguas Celenias ficava na margem direita ou esquerda do Cavado? Argote claramente reconhece «não se pode saber».

Os 165 estadios eram contados a partir de Braga ou do ponto de embarque? Onde ficaria esse ponto? Aguas Celenias era apenas uma estação ou mansão, ou haveria nas suas proximidades algum povoado com esse nome?

Voltaremos mais tarde a este assunto: por agora o que nos interessa é fixar apenas, o que nos diz o «Itinerario de Autonino».

mudam de modo *descontínuo*. Porém, quanto aos pontos que podem ser atingidos de automóvel, as suas distâncias a Nova Iorque podem mudar por quantidades arbitrariamente pequenas—seja: por modo *contínuo*.

E Einstein e Infeld continuam nesta sua mesma linguagem altissonante: A produção duma mina de hulha pode variar por modo contínuo; outrossim pode variar por quantidades arbitrariamente pequenas o aumento ou diminuição do total do carvão produzido. Já não assim, porém, o número de mineiros, que nessa mina trabalham: Tal número, com efeito, só *descontínuamente* pode mudar, porquanto nenhum sentido tem dizer que, desde ontem—por exemplo—o número de mineiros aumentou de 3,783.

Francamente, leitor amigo—que, se é inimigo, passe por lá muito bem—não lhe parece que esta linguagem tão calma, tão simples, tão clara e acessível, desmerece da mentalidade forte que cada um dos autores é?—No entanto, eles continuam no mesmo tom calmo e seguro, simples e acessível: porque a verdade não precisa de ser berrada à mis-

tura com insultos e ameaças; porque a verdade tem luz própria, brilha por si, dá testemunho de si mesma.

«Eu sou a Verdade» respondeu um dia Cristo, que é como se dissesse: Quereis saber o que é a verdade? Vêde como eu procedo e procedei como eu—que, «pelo fruto, se conhece a árvore». No entanto, como íamos dizendo, os dois autores continuam no mesmo tom simples, calmo, claro, acessível;

Se nos perguntarem sobre o dinheiro que temos no bolso, podemos indicar um número contendo apenas duas decimais. É que uma quantia de dinheiro só pode mudar aos saltos—seja: por modo *descontínuo*. Com efeito, a menor troca possível—por exemplo, na América—seja: o *quantum* elementar da moeda americana é o *centavo*. Já o *quantum* da moeda inglesa é o *farthing*, que vale metade do *quantum* americano. E aqui tem *dois quanta*, cujos valor se podem comparar, tendo a relação dos seus valores um sentido bem definido, visto que um vale duas vezes o outro. Podemos então dizer: Algumas quantidades mudam de modo contínuo; outras,

POSTAIS DE BARCELOS

Mês de Maio... Mês das Flores... Mês de Maria...

TRÊS expressões e o mesmo significado. Não podemos lembrar o Mês de Maio que nos não venham ao pensamento as mais lindas e perfumadas flores e, ao mesmo tempo, essa doce poesia da devoção a Maria, nas capelinhas humildes das nossas aldeias ou nas catedrais imponentes das grandes cidades. Neste mês de Maio parece que os sinos repicam com mais harmonia, é mais entusiasta e quente a nossa fé, mais forte a nossa esperança, mais firme e sincero o nosso amor. A devoção filial a Maria—Nossa Rainha e Nossa Mãe—purifica as nossas intenções, alenta os nossos propósitos, ilumina os nossos desejos e santifica as nossas actividades. Aqueles momentos fugidios que passamos enlevados junto do altar da Virgem Mãe, dialogando nossas amarguras e confidenciando nossas fraquezas, tem qualquer coisa de místico e de divino que inunda a alma e preenche o enorme vazio do nosso pobre coração humano. As coisas da vida—arrelias, preocupações, intrigas, perseguições, incompreensões, dores, desprezos, indiferenças, traições—tudo se desfaz ali junto do regaço maternal de Maria. Junto da nossa Mãe do Céu não há tristeza nem insatisfação! O amor de uma Mãe! Nada se lhe pode comparar e nada o pode substi-

tuir! Há horas negras na vida que só o amor terno de uma Mãe—o melhor de todos os amores!, pode iluminar e tranquilizar! Por isso eu gosto deste mês de Maio, tão lindo, tão poético, tão florido e tão embalsamado de perfumes. Pode não ter a beleza que a luz doirada do sol lhe poderia comunicar, pode ser vergastado de ventanias e atroado de ruídos cósmicos, pode ser frio como dia de dezembro, que eu continuarei a amar o mês de Maio pelas evocações de saudade que me traz ao espírito, recordando-me os dias mais lindos e mais felizes da minha vida, os dias da meninice despreocupada e irreflectida.

Foi também no regaço carinhoso de minha santa Mãe que aprendi a maior de todas as lições da minha vida—a lição do amor a Maria. Sem este amor da Mãe do Céu, não valeria apenas viver, depois de ter perdido o mais carinhoso de todos os amores da terra.

Mês de Maio... Mês das Flores... Mês de Maria...

Aqui estou, nestas palavras soltas e sem sentido, com o coração amargurado e a alma dolorida, a saudar-te e a dizer-te, com todas as veras da minha alma, sê bem-vindo e não termines no meu coração. És alento, consolação e vida para os desterrados filhos de Eva.

NOTAS PESSOAIS

Esteve em Lisboa, acompanhado de muitos paroquianos e crianças da catequese, a fim de tomar parte nas cerimónias da inauguração do Monumento a Cristo Rei, o nosso Reverendo Prior Snr. Padre Alfredo Martins da Rocha.

—Fez exame para oficial, obtendo bom resultado, o nosso prezado amigo Snr. Guilherme Pereira dos Santos, Chefe da Estação dos C. T. T. Muitos parabéns.

—Afim de assistir à Queima das Fitas em Coimbra estiveram naquela cidade as nossas conterrâneas Dr.ª D. Maria da Glória Vasconcelos Pinheiro e D. Maria da Graça Duarte.

—Veio de Luanda e encontra-se entre nós em gozo de licença o nosso prezado amigo Snr. Armindo Pereira Pimenta que vem acompanhado de sua esposa.

—A seu pedido foi colocado na Repartição de Finanças desta cidade o nosso querido amigo Armando da Silva Freitas.

C.

O APOSTOLADO DE LUTO DA CARIDADE

(Continuação da página 1)

A caridade é filha da Igreja! Caridade, sem Cristo no coração e nas intenções, é utopia; Caridade, sem obediência à igreja, é mentira! Toda a caridade que se pretenda fazer fora da Igreja, por espírito de insubmissão à Hierarquia, ainda que pelos que se mostram tão ciosos do poder, é acéfala. Serve para confundir, para desvirtuar, para perturbar. O espírito da caridade é amor a Deus, e, fora disto, por mais racionais que façam, não há caridade cristã.

porém, só podem mudar *descontínuamente*—seja: por passos que *não podem* ser reduzidos. Pois bem: estes passos assim *indivisíveis* são os chamados *quanta* elementares da coisa a que se referem. Acerca da relação entre a *continuidade* e os elementos *quanta* das coisas, vá mais um exemplo esclarecedor:

Ao pesar grandes quantidades de areia, podemos considerar a massa dessa areia como *contínua*, não obstante ser manifesta a sua estrutura gra-

Pelo falecimento de sua querida Mãe, encontra-se de luto, o nosso insigne colaborador, Snr. Padre Benjamin Salgado, notável orador sagrado.

Ao ilustre sacerdote, O FANGUEIRO, endereça as mais sinceras condolências.

nular. Mas, se a areia se tornasse substância muito preciosa e houvésemos por isso de empregar balanças ultrasensíveis, teríamos de considerar o facto de que a massa sempre muda por *múltiplos dum grão*. A massa desse grão seria o nono *quantum* elementar. Por este exemplo se vê como pode ser apreendido o carácter *descontínuo*, mercê do aumento de precisão nas nossas medidas, de quantidades até certo momento consideradas *contínuas*.

Para numa frase caracterizarmos a ideia principal da teoria dos *quanta*, diremos assim: Deve ser admitido que *certas quantidades físicas, até aqui consideradas contínuas, são compostas de quanta elementares*.

Que admirável não é o poder criador do espírito humano—criador de conceito!

Nascimentos

No hospital de Esposende teve o seu bom sucesso a Senhora D. Josefina da Silva Moreda. Mãe e filha encontram-se bem.

Também no dia 24 deu à luz uma menina a Sr.ª D. Rosalina Fernandes Branco.

Baptizado

Com o nome de Laura Maria foi baptizada uma filhinha da Sr.ª Silvina dos Santos Pereira e do Snr. Cândido Vilas Boas Soares.

Partida

No próximo dia 2, parte com destino ao Rio de Janeiro, a Sr.ª Deolinda Fernandes Teixeira em companhia de seus filhos. Feliz viagem.

António Salgado Torres

Já se encontra restabelecido da doença que o reteve no leito, durante alguns dias, o nosso prezado amigo Sr. António Salgado Torres.

A PAZ! Oh tímida palavra, onde escondes teu dorso claro para que possa violar-te este raio de luz que tenho disponível no meu armário incorpóreo de poeta?

verticalidade flexível, banal — isto porque não há balanças nem fitas métricas capazes de medir ou pesar as dores ou alegrias que temos armazenadas nesta caverna ou palácio que nos dói ou não —

altura! Tanta que não ousa vergá-la, a alma, a medo que dela me perca...

A terra oscila, rodopia, balança-se com alegria: são as almas que têm suas raízes no centro da

primeiro apoeima: a paz

Eu não sou soldado, entendes? Ouves-me, sabias? Eu não sou soldado... Fiquei livre das guerras quando me despiram a ver se prestava para as funções de patriota sem cérebro. Pe-sei 60 quilos de ossos, os quais, por sua vez, mediram 1 metro e 80 de

e a que chamam alma, espírito, à falta de outra palavra mais bela...

por CASIMIRO DE BRITO

No entanto há peso na alma!

Tanto que me admiro como é possível ao centro de gravidade da terra suportá-lo... Peso e

terra, suas raízes de fogo e de raiva, resplandecentes, eternas!

Raízes de paz, creio. De paz branca, tímida, ágil. Esperando por quem a viole.

Faro - Out. 58/Março 59

O SURREALISMO POÉTICO PORTUGUÊS

SURGE esta escola literária na Europa durante a primeira guerra mundial, por volta de 1917; mas é só trinta anos depois, em 1947, que se organiza em Portugal o primeiro grupo surrealista. Este compasso de espera demonstra bem como a literatura portu-

guesa tem vivido arredada do ambiente literário europeu.

André Breton publica em 1924 o «Manifesto do Surrealismo» e define este movimento como «um automatismo psíquico pelo qual se propõe exprimir quer verbalmente, quer por escrito, quer por qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento, na ausência de toda a preocupação estética ou moral».

Em 1944, Jorge de Sena publica em «O Globo» uma página de traduções de autores surrealistas de maior nomeada, como o já citado André Breton, Eluard, Hugnet e Péret. Deste modo o público lusitano toma o primeiro contacto com o surrealismo francês, que já exercera alguma influência, embora limitada, na obra de poetas anteriores como Vitorino Nemésio, Edmundo de Bettencourt, Adolfo Casais Monteiro e António Pedro.

Foi à volta deste último poeta e artista que se agregou, em 1947, o primeiro grupo português. O primeiro man-

ifesto colectivo do nosso surrealismo aparece em 1953 com o título de «A Afixação Proibida». Após doze anos de surrealismo, podemos afirmar que esta corrente literária impôs já à nossa consideração três personalidades poéticas de relevo: Alexandre O'Neill, António Maria Lisboa e Mário Cesariny de Vasconcelos.

Alexandre O'Neill publicou já três livros de poemas: «A Ampola Miraculosa» (1949), «Tempo de Fantasmas» (1951) e «No Reino da Dinamarca» (1958).

Mas é António Maria Lisboa (1928-1953) o nosso maior poeta surrealista. Só em Fevereiro do presente ano foi publicado o seu «Manifesto» na revista «Pirâmide». A sua obra é bastante extensa e compreende «Ossóptico» (1921), «Isso Ontem Único» (1953), «A Verticalidade e a Chave» (1956), «Exercício sobre o Sonho e a Vigília de Alfred Jarry» seguido de «O Senhor Cágado e o

(Continua na página seguinte)

LOS TIBIOS

Usan la vida como un traje recién planchado. Están en la vida como una piedra en el fondo del río, como un farol roto o una silla en la terraza de un café. Son los de las voces planchadas, los trajes planchados, el dolor planchado y las oraciones planchadas. Cruzan sin mirar a la gente, ni sentirla, ni gozarla, ni hacerse responsables de la entraña que grita y llega a las estrellas formando el crucifijo de sangre y barro que es el Hombre.

BADAJOS (ESPAÑA) - 1955

do livro (a publicar): «Todavía está todo todavía»

MANUEL PACHECO



DESENHO DE CELSO

poema para depois dum passaporte recusado

No escuro dum café
eu fumo a possibilidade
nuvem
dum cigarro já
gasto.

É fumo que pensa
ou pensamento que fuma?

Não; é vácuo esvaido
é músculos doridos
é raiva e desespero.

— Ou não será nada?

Maio-1959

MÁRIO RAMOS

Abro a janela para um pátio interior

Ao F. ASSIS PACHECO

Do filho livre que não fiz.
dos meus 21 anos silenciosos
— uma flor que o gelado
hálito sopra na memória —,
das manhãs raivoso outono,
raivosa noite prolongada,
de tudo isso e com vagar
me sinto emparedado, quase dócil,
eu «poeta sem mitologia»,
cão atado a três metros
de horizonte velho e velho...

Que o mais, disciplina e solidão.
Cama, mesa, roupa lavada,
uns fantasmas antigos
que nunca tiveram a culpa,
e saudade, cigarro, matemática,
como se diz vazio, asma, entardecer,
chuva, necrópole.

JOSÉ DO ALLO RODRIGUEZ

ELE era um doido bom.
Ele não gostava de caçar, mas
a justificação dos seus longos pas-
seios pelos montes desertos estava na
espingarda ao ombro e na cartucheira
à cinta.

O Marão imenso era para ele um
grande amigo. Tinha por ele um sen-

pendia porque o Marão é mais seu
amigo quando silencioso e após aquele
ou aqueles estampidos o Marão apenas
tem um queixume descontente que atra-
vessa arrastadamente o espaço abismal,
que desce a encosta com vontade de
fugir, vai beber forças ao regato do
longínquo vale e num último arranco

S o l i d ã o

timento de fraternidade. Viviam irma-
nados na mesma solidão. Embebiam-se
no mesmo silêncio. Mas como bons
amigos também tinham zangas.

O doido bom aborrecia-se e instan-
taneamente matava o silêncio daquelas
mágicas montanhas.

Um estampido ou mesmo dois corta
os sepulcrais silêncios daquelas cristas
agudas.

O pobre doido bom logo se arre-

sobe até aos pináculos onde já chega
sem alento.

Mas o doido arrepende-se porque
o silêncio logo ressuscita e tão meiga-
mente o abraça que mais parece o bom
cristão oferecendo a outra face.

Descia sobre o Marão a penumbra
do pôr do sol numa tarde triste de
Novembro.

D A M I Ã O C O S T A

O Surrealismo Poético Português

(Continuação da página anterior)

Menino» (1958). Os seus admi-
radores colocam-no «na pri-
meira fila da poesia europeia».

Por último citaremos Mário
Cesariny de Vasconcelos que
é o autor das seguintes obras:
«Corpo Visível» (1950), «Dis-
curso sobre a Reabilitação do
Real Quotidiano» (1952), «Lou-
vor e Simplificação de Álvaro
de Campos» (1953), «Manual
de Prestidigitação» (1956),
«Pena Capital» (1957) e «Al-
guns Mitos Maiores Alguns
Mitos Menores propostos à
Circulação pelo Autor» (1958).

Brevemente, se o tempo e
o espaço mo permitirem, vol-
tarei ainda ao surrealismo poé-
tico português.

TODA A CORRESPON-
DÊNCIA PARA ESTE
SUPLEMENTO
DEVE SER ENVIADA
PARA

José Carlos de Vasconcelos
RUA DO CORREIO, 37
COIMBRA

Neste
SUPLEMENTO
será feita referência a
todas as obras de que
nos sejam enviados
2 exemplares



D E S E N H O D E E M Í D I O

“ R O T A ”

APLAUDE: Mário Dias Ramos por ir criar, no Porto, uma
nova companhia de amadores de teatro.

— Igrejas Gaio pelo seu programa radiofónico «Perfil dum
Artista».

— A galeria «Divulgação» do Porto, pelo programa de expo-
sições que projecta e teve já o seu início com uma mostra de
Francisco Relógio.

CENSURA: Jaime Valverde — actor de teatro de incontestá-
veis méritos (estamos a lembrar-nos, por exemplo, da sua admirá-

BREVE MENSAGEM PARA A RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

A todos os que ainda creem
na plena alvorada da esperança;
aos jovens carregados de sonhos construídos
na raiz de cada dia
e aos velhos carregados de sonhos desfeitos
por todas as noites de espera inútil;
aos que anunciam o futuro
em cada sorriso e em cada lágrima
e descubrem a Primavera
no mínimo desabrochar da Natureza;
aos que caíram nas insaciáveis ondas do tédio
e fecharam os olhos à evidência
vencidos e resignados, como o verme
sob as rodas da máquina inevitável...
a todos
grito esta Mensagem
e calmo
o que as aves repetem aos homens:
«Levantai-vos e caminhai»!

ANTÓNIO ARNAUT

vel criação na peça de Anton Tchecof «Os malefícios do ta-
baco») — como declamador, pela sua inexplicável exuberância
de gestos.

— O haver sido seleccionado, oficialmente, o filme por-
tuguês «A Luz vem do alto» para representar o nosso país
num festival internacional de cinema.

— Alguns escritores e artistas que, por vezes, sustentam
entre si algumas pseudo-polémicas muito pouco edificantes.

REGISTA: O aparecimento das Revistas «Colóquio»
— da Fundação Calouste Gulbenkian — e «Coordenada», e
a remodelação da «Seara Nova».

— O facto de Mário Dias Ramos ter em preparação dois
ensaios, a serem publicados brevemente, sobre António Botto
um, e o movimento da «presença» o outro.

— As múltiplas actividades culturais a que se tem dedi-
cado ultimamente a Academia de Lisboa.

«A originalidade de cada um é o seu melhor
de atingir o universal» — JOSÉ RÉGIO.

CARTAS DE LISBOA

(Continuação da página 1)

Se não houvesse escultores com o sentido plástico do Henrique Moreira, do Eduardo Malta, do Henrique Medina não podia haver juventude espiritual: do mal se parte para o bem e este foi inventado por opposição a este.

Deus criador do mundo e do homem tem as costas largas: criou a beleza e vá de imitá-la; mas imitação não é arte que é criação.

Canon físico? Para as malvas meu Amigo. Onde dois homens iguais? Os antropologistas fundamentam-se nas estatísticas que é uma das muitas formas de mentir.

(Lembro-me do seu Paulo Felisberto e tenho medo do seu medo do meio).

Dizia-lhe eu — quando vem cá ao meu ninho? — que para viver precisamos de contrastes violentos, e Deus vai-se encarregando de os dar.

Morreu Diogo de Macedo o espírito, carácter, coração e cultura mais rara com que me tem sido dado privar.

Eu creio que dificilmente se pode definir o Diogo, mas se lhe disser que só pensava em se dar, não lhe minte.

Perdi um Amigo, um Mestre, um irmão mais velho, e o retrato que me ofereceu tenho-o em lugar especial nesta minha capela que é onde se reza e pensa.

Portugal estava saturado desse homem bom, dedicado à arte dos outros, inteligente, escritor como poucos, amigo como nenhum, e desejou mostrá-lo.

Mostrá-lo é pouco António Carlos, demonstrá-lo.

No dia em que os amigos choravam a sua morte, e eu ainda sentia nas mãos o peso do seu corpo morto para respeitosa-

mente poisá-lo no caixão, a Academia das Belas Artes, a que preside o Prof. Doutor Reinaldo dos Santos, mandava publicar na imprensa a notícia de que escolhera o Sr. Eduardo Malta para delegado da mesma Academia no júri do Prémio Nacional criado pelo S. N. I. A notícia fez-me chorar, por Portugal, a sorte que esperava à arte portuguesa.

No mesmo dia em que recebo o vol. da revista «Ocidente» inteiramente dedicado ao Diogo de Macedo, leio que o Sr. Eduardo Malta fora, em substituição do artista morto, nomeado Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Sei meu Compadre e Amigo que, sem ninguém lhe pedir, no espólio de Diogo de Macedo existia um manuscrito intitulado: «Amadeu Modigliani e Amadeu de Sousa Cardoso».

A revista do S. N. I. — «Panorama» — editou-o e estava à venda na abertura da exposição de Sousa Cardoso.

Até hoje — e já tem 7 dias de abertura a exposição — o Sr. Eduardo Malta não foi visto a ver essa pintura de um pintor que está representado no Museu Nacional de Arte moderna de Paris, era português e de Amarante, expositor com Modigliani no estúdio do português.

A vida António Carlos é feita de forças opostas: por estar calor é que me apeetece ir para a praia apanhar... frio.

Abraça-o com muita amizade — e o afilhado já roga pragas ao mau padrinho? —

o muito amigo

Joaquim

Falecimentos

Após curta e dolorosa enfermidade finou-se, no passado dia 16, em sua casa de Fão o Rev. Padre Job Teixeira que foi distinto professor no Seminário Arquidiocesano e figura extremamente considerada pelos seus superiores quebrado de carácter e infinita bondade.

Este imprevisto desenlace causou a mais profunda dor em todos aqueles que de perto e de longe lhe tributaram amizade e admiração.

As cerimónias funebres tiveram a presença de imensos colegas e no funeral incorporaram-se numerosas pessoas de todas as camadas sociais da nossa terra.

A toda a família enlutada em especial a seu irmão comandante Augusto Teixeira.

O Fanguero apresenta o seu cartão de condolências.

— No Brasil onde se encontrava há bastantes anos faleceu a Snr.^a D. Olália de Campos Martins.

— No dia 12 e após uma prolongada enfermidade faleceu o Snr. Cândido Gonçalves Palmeira.

O extinto que contava 75 anos, era casado com a Senhora D. Gracinda Teixeira Palmeira e pai dos Snrs. Augusto Teixeira Palmeira, Cândido Teixeira Palmeira (ausentes no Brasil) e da Senhora D. Maria José Teixeira Palmeira Costa, casada com o Snr. José de Araújo Costa.

— Também no dia 13 faleceu a Snr.^a D. Emília Gomes Neiva, mais conhecida por Snr.^a Emília Casanova.

A falecida que contava 77 anos era mãe dos Snrs. Alvaro Campos Neiva (ausente no Brasil) Manuel Campos Neiva e das Snrs.^{as} Rosália e Gracinda de Campos Neiva.

— Na Rua Serpa Pinto faleceu a Snr.^a Rosa Fernandes Pedras.

A extinta que contava 71 anos era mãe da Snr.^a Deolinda Fernandes Pedras, Belmira Fernandes Pedras (ausentes em Lisboa) e da Snr.^a Maria Fernandes Pedras esposa do Snr. Joaquim Gomes Teixeira.

As famílias enlutadas apresentamos os nossos pêsames.

Aniversário

No passado dia 17 completou 100 anos de existência a Senhora D. Maria Josefa Angelina.

O FANGUEIRO felicita a Veneranda Snr.^a e faz votos para que Deus a conserve ainda durante muito tempo no seio de Deus.

Residência Paroquial

Deslocou-se a Braga uma comissão constituída por pessoas gradadas da nossa terra e presidida pelo distinto clínico Dr. Artur Jorge Barrote a fim de convidar Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primás para a inauguração e bênção da nova residência paroquial.

Turistas ingleses

A maneira dos anos anteriores chegaram à nossa terra o primeiro grupo de turistas ingleses que vêm passar as suas férias no Hotel Ofir.

Desastre

Quando seguia montado numa bicicleta motorizada sofreu um aparatoso embate o Snr. Cândido Gaifém da Costa.

Doentes

Continua guardando o leito a Snr.^a D. Rosália Salgado Torres extremosa esposa do nosso estimado amigo e grande industrial Snr. Albino Torres.

— Encontra-se bastante doente a Snr.^a Maria Miranda do Vale.

— Adoeceu com bastante gravidade a Snr.^a D. Guilhermina Morais Sacramento.

— Para ser submetida a uma intervenção cirúrgica deu entrada no nosso Hospital a Senhora Ana Mareda Ferreira.

A todos os doentes desejamos um rápido restabelecimento.

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livraria da Póvoa.

Descontos aos Snrs. Professores

Vendem-se

Duas casas, uma térrea e outra torre, electrificadas, na Rua Serpa Pinto, 101, em Fão, com quintal que cobre uma área de 2.000 metros, todo coberto a vinha, com grande pomar e algum braviço.

Motivo retirada para o Brasil. Ver a qualquer hora.

Assinem

O Fanguero

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

Propaganda turística

PARA fazermos propaganda de uma terra, existem muitas e diversas maneiras de a tornar conhecida.

Temos como exemplo a correspondência entre estudantes, em que descrevem aos seus colegas das Ilhas, Ultramar, etc., as belezas e os motivos mais aliciantes que disfrutam as suas localidades. Esta é uma interessante propaganda, que por vezes os homens não lhe dão o devido apreço.

Vem isto a propósito de algumas cartas ilustradas que vimos da Figueira da Foz, escritas por estudantes aos seus colegas de outras regiões. A ideia merece registo e poderia ser aproveitada nesta praia, onde existe um Liceu, Escola Industrial e Commercial, e Colégios. É claro, que devia pertencer à Comissão Municipal de Turismo o fornecimento gratuito das cartas com

lindas vistas da vila. Seria mais um motivo para levar a muitas famílias o nome da Póvoa do Mar, e talvez despertasse o desejo de virem passar aqui alguns dias.

Para reforçar o valor da propaganda ilustrada, recordo-me que o extinto Colégio Povoense teve muitos alunos de África e das Ilhas, devido à propaganda feita para aquelas bem portuguesas terras.

Muitos daqueles antigos estudantes, ocupam, hoje, elevados cargos na vida social do País, e evocam com saudade os anos aqui passados.

Que a Póvoa de Varzim neste capítulo volte a remoçar, e una num abraço fraternal os homens de boa vontade, são os desejos de todos os que pugnam pelo seu progresso e valorização.

APONTAMENTOS

Um grupo de poveiros, que no ano corrente fazem as suas 65 primaveras, vão reunir-se num almoço de confraternização. Que a festa decorra com grande animação, são os votos que formulamos àqueles jovens.

— O Snr. Abel Morim, abriu uma nova casa de bicicletas, com o nome «O Meu Stand».

— Faleceu o Snr. João Alves Vieira, cunhado dos professores de música, Snrs. António e Alberto Gomes.

— Vai ser aumentada a Igreja da freguesia da Estela, e construída nova torre.

— Assumiu o comando da secção da Guarda-Fiscal, nesta vila, o Snr. Tenente Alcino Vieira, natural de Penafiel.

— O Snr. Eugénio Gomes de Sá, adquiriu um auto-carro para excursões. A viagem inaugural, que decorre durante um mês, está a ser realizada por diversos países da Europa.

— Satisfazendo os anseios da classe piscatória, vai ser construída uma nova lota, no local onde se encontra a actual, e que terá trinta e cinco metros de comprimento.

— No gaveto da Avenida Mousinho de Albuquerque, com frente para o Liceu, vai ser construído o novo edifício do Palácio da Justi-

ça, importante melhoramento para esta vila.

— O comandante do porto, Primeiro-Tenente Snr. Turbido Pedro de Abreu, conseguiu baixar os preços das barracas, toldes e guardasóis, satisfazendo assim uma justa pretensão da colónia balnear. Esta medida merece os mais rasgados louvores.

— Em digressão por alguns países da Europa, partiu o Sr. Dr. António Sampaio de Araújo, acompanhado por sua dedicada esposa.

— Para assistir à inauguração do Monumento a Cristo Rei, deslocaram-se a Almada algumas dezenas de pessoas desta vila e concelho.

C.

DA MARGEM DIREITA

Um Marinheiro ilustre no Brasil

Pelo Dr. E. R.

N^O foro esposendense dos fins do século XVII e primeira metade do século XVIII é frequente o aparecimento de advogados e procuradores de nome REPINCHO. Sem sombra de dúvida que pertencem a uma família das Marinhas, com sede no lugar de Pinhote é, ao que sei, ainda hoje com representantes.

Rara era a questão que corria no tribunal de Esposende que não tivesse um Repincho a patrociná-la. Dos vários processos que me tem chegado às mãos, só num encontramos dois licenciados da família. São eles Alexandre e João, ambos Repincho de sobrenome, e patronos do Sargento-mor de Esposende, João da Costa Barros Pereira, na demanda que contra este movem o Capitão Gaspar Rodrigues Ferreira e sua mulher Ursula de Vilas Boas.

Dado o lugar que parece ter ocupado na sociedade e tendo em conta as ligações que os seus membros faziam, a família Repincho era ilustre entre as famílias ilustres de Esposende oitocentista.

De entre essas ligações, para a crónica de hoje quero referir-me em particular à de João Vieira Repincho, filho de João Vieira e Madalena de Araújo, que em 30 de Novembro de 1714, casou em Carapeços « por palavras de presente e na forma que dispõe o Sagrado Concílio Tridentino e Constituições deste Arcebispado Primaz » com Mariana Monteiro de Barros, filha do Dr. Manuel Monteiro de Barros e de Inês Pereira.

O novo casal veio fixar residência em Pinhote. Dois anos depois do casamento, aos 6 de Dezembro de 1716, aí nasceu o primeiro filho. Foi baptizado quinze dias passados, com o nome de Manuel José, pelo Padre João Gonçalves, e teve como padrinhos Manuel Monteiro de Barros, casado com Ana Barbosa de Faria, e Joana de Jesus Maria José, filha de Manuel Caminha de Moraes e Inês Coelho, de Esposende. Como testemunhas, assinaram o assento de baptismo o Dr. Alexandre Vieira Repincho, o Padre Urbano de Faria Machado e Manuel Monteiro de Barros.

Este Manuel José, ainda moço emigrou para o Brasil. Um dos muitos que em demanda da fortuna atravessaram o mar. E como alguns, soube vencer.

Enriqueceu, constituiu família e deu ao Brasil homens ilustres.

Hoje, os descendentes de Manuel José Monteiro de Barros Vieira Repincho são em tal número que a sua família é considerada a maior e talvez das mais importantes do Brasil. No tempo do Império, deu ao Brasil médicos, advogados, padres, bispos, ministros, barões, condes, viscondes e marqueses. Na República, tem havido descendentes de Manuel José em lugares de destaque. Do século XVIII para cá, não mais os Repinchos deixaram de ser gente grada em terras brasileiras. Para honra e glória de Portugal e ao serviço da grande Nação irmã.

Esposende, 25 de Maio de 1959.

Artur Sobral

Dentro de breves dias regressa a Fão, vindo da Capital Brasileira onde exerce as suas actividades e gosa do maior prestígio, o ilustre conterrâneo e grande benemérito Artur Sobral.

Desejamos ao grande Amigo e querido Colaborador umas férias felizes.

Os resmungões

COMO quem não quer a coisa, uns tantos boticários conhecidos, de formas vagas e com fumos de reformistas, têm ultimamente dado consultas públicas e impingido veneno de sobra. O receituário é estafado. Desde que o despeito é o que é — e é assim desde que o mundo é mundo — o tom não varia, a música é a mesma.

Hoje é comentar injustamente tal ou qual aspecto da administração. Amanhã é enxovalhar os homens responsáveis, acusando-os de tudo o que a maldade pode inventar. Depois é condenar sem remissão, o bom e o mau, tão afastados do espírito crítico como o amor anda longe do ódio que os consome. Todos os dias é fazer acusações falhas de lógica, de visão acanhada, pedantes, passionais e, sobretudo, flagrantemente injustas.

Botar abaixo incondicionalmente, eis a questão. Barafusta-se contra todos, resmunga-se por tudo e por nada; o branco devia ser preto, o preto devia ser branco; se isto é mau é porque é mau, se é bom é porque é bom. Afinal, preso por ter cão e preso por não ter cão.

Não há mentalidades, não há servidores capazes. Crise de homens, crise de obra positiva, crise de honestidade, eu sei lá! — crise de tudo. Só não há crise — louvado seja Deus! — de paciência para aturar tanta demolição.

Ataca-se capciosamente sem expôr o peito às balas: o sistema é bom, diz-se melifluamente, os homens é que não prestam. Ama-se a união, mas alimenta-se a desunião.

Falar dos outros? — Deus nos livre! — mas a língua é viperina e de palmo. Propagandeia-se a modéstia, e passa-se a vida, de campanha em punho, a chamar a atenção do respeitável público. Só há olhos para o que se quer e, sem pestanejar, faz-se vista grossa para o que não convém. Não se pode suportar o argueiro do vizinho, como se a tranca que cega não fosse maior. Pela santa liberdade triunfar ou perecer, mas toca a privar os outros de irem dizendo as verdades. Tudo é questão de barriga, — bradam a plenos pulmões, mas com a pouca que têm, lá vão empurrando o que podem. Puros e austeros, não há outros, mas passam o tempo a farejar escândalos. Numa palavra: querem indireitar o mundo sem se lembrarem que são canhotos.

O panorama é este, e decididamente que não é lá muito animador. Botar abaixo só por botar abaixo, nem de mau pedreiro é. Por isso, desta crítica destrutiva e sistemática, presidida por uma notável falta de boa fé e por um abusivo emprego de óculos defumados, resultam grandes males. O veneno que se ministra em doses pequenas mas frequentes, vai aos poucos e terrivelmente, tomando conta dos incautos.

Deixar correr os marfins, é criminoso. A união de todos não pode andar à mercê de semelhantes intenções. Entenda-se que o que se lamenta não é a crítica destes ou daqueles — o que se lamenta é que essa crítica seja sem razão. Isso é que se não deve consetir.

« Não podemos, também, deixar que o negativismo crítico, ou se quiserem, o criticismo negativista, enebrie, embriague, amorteça, obscureça, iluda, adormeça ou, até, mate a consciência cívica do povo português », disse há dias um chefe em Braga, ao dar posse à nova Comissão distrital da União Nacional.

É assim mesmo, é de bater as palmas.

A. B.

Crónica do Porto

Os Pinheiros de Garrett

Por ODETTE GAVINA

CONHECEM a Praça do Município?... Creio que a maioria de quem ali passa nem sabe sequer que esse bocadinho de terreno cimentado que serve de vestibulo ao *Domus Municipalis* tem um nome... E digo isto, porque essa maioria de povo que tal ignora, vê esse vestibulo como uma continuação da Avenida dos Aliados! Pobre Avenida!... Só tens o « nome » pois nem chegas a possuir 500 metros de extensão!... Daí, do seu curtíssimo comprimento — irrisório comprimento, aliás... — nasceu esse cantinho como sendo para toda a gente o prolongamento da « sala de visitas » da segunda cidade do País! E então, para alindar essa amostra de « Praça », foi ali erguido um monumento ao ilustre Almeida Garrett e para que o nosso glorioso antepassado, que a todos nós legou a riqueza apreciada das suas prosas e encantadoras rimas, pudesse beneficiar de um pouco de sombra amiga nos calmos dias de estio, e ser talvez resguardado das intempéries hibernais, em seu redor, contornando o diminuto espaço do

« R O T A »

Por VALEIXO

COMO o apaixonado que treme, indeciso, buscando palavras que exteriorizem o seu sentimento, também as palavras nos parecem fracas, muito fracas, para exprimirmos a nossa exaltação pelas coisas boas e dignas que tão raras vezes aparecem.

Eu não nasci em Fão; não tenho nessa terra um único parente, um único amigo. Mas se eu lá nascesse, o meu orgulho bairrista iria para este *O Fanguero* onde escrevo de vez em quando, ciente da minha incapacidade, mas tentando sempre um assunto de interesse.

Também não conheço os dirigentes deste jornal; apenas falei, acidentalmente, com o Sr. Armando Saraiva, durante cinco minutos, num intervalo da peça de teatro « Requem », na Póvoa de Varzim, onde me foi apresentado. Mas para todos eles eu quero enviar o meu reconhecimento, a gratidão dum jovem que admira a existência dum juventude sã e capaz de construir coisas boas e dignas. Quanto esforço, quantas canseiras, quanto Amor à Cultura, para conseguirem, nessa minúscula Fão, a criação dum jornal honesto, de carácter cultural!... É admirável este exemplo que testemunha a existência de jovens de acção e de valor, que abriram o seu *O Fanguero*, não só aos cultos e experientes, mas também a nós, aprendizes das letras, incitando-nos à continuidade e facilitando a revelação dos que a vão merecendo.

E como se tudo isto não fosse ainda suficiente, *O Fanguero* surge com a ROTA — Suplemento de Artes e Letras — dirigida por José Carlos de Vasconcelos, para quem enviámos, desde já, a nossa calorosa admiração e o mais sincero estímulo ao seu feliz empreendimento. Porque a ROTA, no seu primeiro número, já se firmou como um suplemento cultural de excelente nível. Sobre a sua colaboração, queremos salientarmos o « Poema » de Fernando Cardoso Santos e os « Desenhos » de Manuel Ribeiro de Pavia — um artista autêntico. Mas todos eles são conscientes, todos estão à altura certa dessa ROTA que faz de *O Fanguero* um jornal absolutamente necessário, que vem prestar um relevante serviço à cultura de todos os seus leitores.

Um « bravo », pois, para *O Fanguero*, para os colaboradores e orientador da ROTA, que tão inteligentemente coligiu seu primeiro número.

átrio a que aludo, plantaram-se pinheiros.

Mas que pinheiros!!! Uns pequenos espétos levantados para as núvens, raquíticos, desajeitados, que ali, naquele sítio sobejamente visitado, são umas autênticas mazelas a sujarem o ambiente!

Porquê, gosto tão estragado? Porquê, pinheiros no âmago dum cidade? Porquê, pinheiros acompanhando o Poeta?

Ó Garrett, lá nesse paraíso das Musas adormecidas onde repousas o eterno sono, não sentes que merecias uma homenagem mais sincera, mais « poética », mais florida e aconchegadinha?!

Eu sei que sim. Todos sabemos que sim. Todos sabemos que a tua alma grande, inconfundível e imorredoura, paira desanimada e triste por sobre aqueles enfezadinhos pinheiros! Talvez, por isso mesmo, é que eles, os lamentáveis espétos, não se desenvolvem... E quem me não diz que tais pinheiros estão assim por se sentirem envergonhados em ostentarem a sua enfermidade em pleno coração da cidade?

Ó Poeta, Poeta! Se cá tornasses, tenho a certeza que cantarias assim:

Ó minha estátua escurinha
Que do Porto és a fachada!
Mais tu valias, sózinha,
Do que mal acompanhada...

Visado Pela Comissão de Censura